

# Contas regionais

## O desempenho da economia do RS em 2008

Lívio Luiz Soares de Oliveira

Economista da FEE, Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Economia (PPGE) da UFRGS

Este trabalho dá seqüência aos esforços de cooperação, sistematicamente perseguidos, dos órgãos oficiais de estatística estaduais sob a coordenação do IBGE<sup>1</sup>, visando à apresentação das Contas Regionais de cada estado. Particularmente, neste caso, trata-se da apresentação das Contas Regionais do RS divulgadas anualmente pela Fundação de Economia e Estatística, sob a égide de uma proposta metodológica unificada, em um quadro de referência em nível nacional. Tal proposta metodológica tem como objetivo a elaboração, bem como a divulgação, das Contas Regionais de modo padronizado, para efeito de comparabilidade dos resultados em nível interestadual. Como parte desse processo, a apresentação das Contas Regionais do RS de 2008 vem a agregar-se à série padronizada que se iniciou em 2002.

Dessa forma, o objetivo do trabalho em pauta é divulgar, neste volume, as estimativas preliminares sobre o desempenho dos principais agregados e indicadores da economia do Rio Grande do Sul referentes ao ano de 2008<sup>2</sup>, divulgados pela Fundação de Economia e Estatística. Entre esses agregados e indicadores econômicos, estão o Produto Interno Bruto (PIB) do Estado, o PIB *per capita* e o Valor Adicionado Bruto (VAB), além de taxas de crescimento globais e setoriais. A desagregação dos resultados, em nível estadual, é feita para os três setores-padrão de atividade econômica: agropecuária, indústria e serviços. Por sua vez, os resultados desses setores

são desagregados para os seus principais segmentos. O cálculo do VAB é efetuado para cada setor de atividade.

Segundo essas estimativas, o PIB do Estado, quarto colocado<sup>3</sup> no *ranking* do País, teve uma variação, em termos reais, de 3,8% em 2008<sup>4</sup>, atingindo o valor de R\$ 193,5 bilhões. Essa taxa representa uma desaceleração no crescimento econômico estadual, relativamente à expansão verificada no ano de 2007, quando o PIB do RS teve uma taxa de variação positiva de 7,0%, conforme pode ser verificado na Tabela 1. Para efeito de comparação, também pode ser observado, na Tabela 1, que essa taxa deve ficar abaixo daquela estimada para a economia brasileira pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), divulgada em sua Carta de Conjuntura (Carta Conjuntura, dez 2008) que prevê uma taxa de expansão média de 4,7% para o PIB do Brasil em 2008. Assim, conclui-se que essa foi uma situação inversa àquela verificada no ano de 2007, quando a taxa de variação estimada do PIB nacional foi de 5,7%, inferior, portanto, à estimativa de 7,0% para o PIB gaúcho no mesmo ano. A evolução da renda *per capita* segue idêntico raciocínio: em 2008, houve um crescimento de 2,7% para esse indicador no RS, o qual atingiu o valor de R\$ 17.281, enquanto a taxa de crescimento média estimada para a renda *per capita* brasileira pelo IPEA foi de 3,3%. Em 2007, o desempenho também era inverso: 5,9% de crescimento para o indicador no RS e 4,2% para o indicador brasileiro.

O fator principal para explicar essa desaceleração na economia gaúcha foi o desempenho negativo do setor agropecuário, o qual tem 10,88% de participação na estrutura do VAB estadual (Tabela 3) e tem fortes vínculos com os outros dois setores econômicos do RS, forman-

<sup>1</sup> O IBGE, fundação responsável pelo cálculo e divulgação das Contas Nacionais brasileiras, é órgão que coordena a elaboração e divulgação das Contas Regionais, nas unidades federativas, sob responsabilidade das respectivas instituições estaduais encarregadas de fazer este trabalho.

<sup>2</sup> Os cálculos foram efetuados pelo Núcleo de Contabilidade Social (NCS) do Centro de Informações Estatísticas (CIE) da FEE, com os seguintes integrantes: Adalberto Maia Neto (Supervisor do CIE), Carlos Gouveia, Eliana Figueiredo da Silva, Juarez Meneghetti (Coordenador do NCS), Lívio Luiz Soares de Oliveira, Maria Conceição Sá e Sousa Schettert, Maria Helena Antunes de Sampaio e Sérgio Fischer.

<sup>3</sup> Os três primeiros colocados são os seguintes: São Paulo (1º), Minas Gerais (2º) e Rio de Janeiro (3º).

<sup>4</sup> De acordo com a Tabela 1, após a queda de 2005, este é o terceiro ano de crescimento econômico consecutivo no RS.

do o complexo conhecido como agronegócio, de importância crucial para o Estado. A agropecuária gaúcha teve uma queda de -8,4% em comparação com o ano anterior, onde houve uma significativa expansão de 18,2%, como pode ser observado na Tabela 2.

Mas é preciso dizer-se que o comportamento dos setores componentes da economia do RS em 2008 foi bastante assimétrico em termos de taxas de crescimento. Enquanto houve queda na agropecuária, o setor industrial teve um crescimento de 6,7%, e o setor serviços teve uma taxa de variação positiva de 4,6% relativamente ao ano de 2007, quando as taxas estimadas de crescimento para esses setores foram de 7,2% e 5,3%, respectivamente. O expressivo crescimento no setor industrial gaúcho, que teve 27,95% (Tabela 3) de participação na estrutura do VAB do RS, em 2008, foi determinado, principalmente, pela expansão das atividades de indústria de transformação e de construção civil, cujas taxas de variação foram de 6,5% e 9,3%, respectivamente, em relação a 2007. Neste último caso, é preciso salientar-se que a construção civil tem sido beneficiada, nos últimos anos, pelo aumento da concessão de crédito<sup>5</sup> de financiamento para construção e/ou reformas de moradias. Outro fator importante foi a aprovação de reformas microeconômicas, instrumentalizadas por meio de dispositivos legais, que têm possibilitado um ambiente de negócios mais promissor no mercado imobiliário. Isto porque, com a diminuição das incertezas quanto à adimplência das operações, decorrente da adoção de novos aparatos jurídicos<sup>6</sup>, houve um correspondente aumento do incentivo para os investimentos realizados na construção civil (Schettert, 2007, 2008). Um indicador importante que serve como *proxy* do nível de atividade na construção civil é o consumo aparente de cimento. Segundo dados divulgados pelo Sindicato Nacional da Indústria do Cimento (SNIC)<sup>7</sup>, o consumo aparente de ci-

mento no RS (em toneladas) tinha aumentado, aproximadamente, 20,9% no período jan.-out. /08, relativamente ao mesmo período de 2007. A evolução do consumo aparente de cimento no RS, no período, pode ser visualizada no Gráfico 1, com as respectivas linhas de tendência de média móvel, relativas ao consumo, em toneladas, de cimento *Portland*, para os anos de 2007 e 2008, com dados acumulados até o mês de outubro de cada ano.

O segmento de produção e distribuição de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana (SIUP) também contribuiu para o crescimento da indústria gaúcha, já que registrou uma taxa estimada de crescimento de 4,3%. O setor serviços, com uma participação relativa de 61,17% (Tabela 3) na estrutura do VAB estadual, apresentou uma expansão de 4,6%, sendo beneficiado pelo crescimento real de todos os principais segmentos que o compõem, cujas taxas de crescimento foram as seguintes: comércio (7,0%), transportes (5,1%), administração pública (2,6%) e demais serviços (4,4%).

As taxas de crescimento do Valor Adicionado Bruto, por setores de atividade, e do PIB do RS e do Brasil podem ser observadas na Tabela 3. Enquanto as taxas estimadas de variação para os setores agropecuária, indústria e serviços no RS foram de -8,4%, 6,7% e 4,6%, respectivamente, as taxas médias projetadas pelo IPEA para os mesmos setores no Brasil foram todas positivas: 4,0%, 4,9% e 4,4%, respectivamente. Com isso, verifica-se que o desempenho da agropecuária gaúcha ficou bem abaixo do desempenho da agropecuária brasileira, enquanto os setores indústria e serviços, no RS, tiveram um desempenho superior relativamente aos mesmos setores da economia nacional. Mas é importante destacarem-se os reflexos que a crise financeira internacional passou a ter sobre a atividade econômica no Brasil a partir do quarto trimestre desse ano, pois se percebe uma nítida desaceleração no crescimento econômico do País, quando se compara o desempenho das taxas médias de crescimento dos VABs nacionais da agropecuária, da indústria e dos serviços, estimadas pelo IPEA, para todo o ano de 2008, com as taxas acumuladas de crescimento estimadas do VAB para os três setores da economia nacional, pelo IBGE, até o terceiro trimestre, respectivamente de 6,7%, 6,5% e 5,5%; antes, portanto, que os efeitos mais agudos da crise internacional começassem a ser sentidos no Brasil.

Na Tabela 4, pode ser notado, para os dados disponíveis até o ano de 2007, que a participação do PIB do RS no PIB do Brasil teve um ligeiro crescimento, passando de 6,62% em 2006 para 6,82% em 2007 (mas ainda inferior aos 7,14% de participação registrados em 2002). Esse resultado pode ser explicado pelo fato de a

<sup>5</sup> Para citar apenas um exemplo, a Caixa Econômica Federal (CEF) aumentou o volume de financiamento para habitação, em todo o país, em cerca de 60%, no acumulado até novembro de 2008, em relação ao mesmo período do ano de 2007. Os dados divulgados até 28 de novembro de 2008 indicam que foram realizados 447 mil contratos, os quais somados, totalizaram R\$ 20,4 bilhões. Informações podem ser obtidas em <[http://www.estadao.com.br/economia/not\\_eco287240,0.htm](http://www.estadao.com.br/economia/not_eco287240,0.htm)>. Acesso em: 16 jan. 2009.

<sup>6</sup> Outros marcos regulatórios que atualmente estão sendo debatidos, como o Projeto de Lei 3057/00, chamado de Lei de Responsabilidade Territorial, também estão gerando expectativas sobre os possíveis efeitos positivos sobre o mercado imobiliário.

<sup>7</sup> Os dados estão sujeitos à revisão, segundo informações do SNIC e referem-se ao cimento *Portland* despachado pelas fábricas para as unidades da federação.

economia do RS ter obtido, em 2007, uma taxa de crescimento de 7,0%, superior, portanto, aos 5,7% estimados para a economia brasileira. Em contrapartida, em 2008, a participação relativa da economia gaúcha, como proporção no PIB brasileiro, deve declinar em decorrência da estimativa de crescimento inferior para o PIB do RS relativamente ao agregado nacional.

Mesmo no setor agropecuário do RS, foi verificada uma assimetria no desempenho econômico das atividades que o compõem, pelo que pode ser inferido da Tabela 5. Enquanto houve um crescimento no valor da produção de 2,5% na pecuária, em relação a 2007, a agricultura, que é composta de lavouras permanentes e temporárias, foi a atividade responsável pelo menor dinamismo da economia do RS em 2008, com queda de -8,2% no seu valor de produção, tendo como base o ano anterior, quando cresceu 15,0%. A queda no valor de produção da agropecuária gaúcha foi de 4,4% comparativamente a 2007, quando houve crescimento positivo de 10,5%.

O desempenho das lavouras temporárias e permanentes no RS em 2008 foi diferenciado em termos de quantidade produzida, área colhida e produtividade, conforme pode ser analisado nas Tabelas 6 e 7. A lavoura da soja, dada a sua importância na agricultura gaúcha, teve uma contribuição decisiva para o desempenho negativo da lavoura do RS em 2008, pois registrou taxas de variação negativa de -21,7% em termos de quantidade produzida (em toneladas), -1,5% na área colhida e -20,5% na produtividade. As lavouras de milho e de fumo também registraram queda na produção: -10,8% e -6,1%, respectivamente. Em termos de área colhida e de produtividade, a variação foi de 1,1% e de -11,8%, respectivamente, para o milho. No caso do fumo, a variação foi de -6,4% e de 0,3%, respectivamente. Em contrapartida, outras duas importantes lavouras apresentaram crescimento na produção: arroz (16,3%) e trigo (17,8%). Nas lavouras de arroz e de trigo, a variação na área colhida e na produtividade foi diferenciada: 13,8% e 2,1%, respectivamente, para o arroz, e 15,5% e 1,9%, respectivamente, para o trigo. Duas importantes culturas permanentes registraram variação positiva na produção: maçã (9,6%) e uva (10,2%). A variação na área colhida e na produtividade para essas duas culturas foi de -1,0% e 10,7%, respectivamente, para a maçã e 4,1% e 5,9%, respectivamente, para a uva. O determinante fundamental para a queda de produtividade de importantes culturas, como soja e milho, e a conseqüente retração na lavoura gaúcha foi o fator climático, pois uma estiagem persistente teve conseqüências extremamente adversas para a produção lavoureira estadual, produzindo perdas significativas nas colheitas.

Na Tabela 8, são relacionadas as taxas de crescimento para os segmentos componentes da indústria do RS. Os destaques positivos foram as taxas de variação de máquinas e equipamentos (23,9%), veículos automotores (20,9%) e alimentos (8,5%). Os destaques negativos foram as quedas nos segmentos de produtos de fumo (-9,6%) e calçados e artigos de couro (-7,6%). Este último segmento, com parcela significativa da produção voltada à exportação, continua enfrentando problemas de competitividade relacionados ao câmbio e também aos calçados chineses.

No entanto, quando se analisam os dados da Produção Industrial Mensal (PIM)-Produção Física Regional, para o RS, com dados do mês de novembro<sup>8</sup>, em contraste com o desempenho anualizado, observa-se que o segmento de veículos automotores teve uma queda de 21,8%, o que já denota os reflexos da crise internacional sobre a produção do segmento automobilístico estadual, o qual tem importantes efeitos de *forward linkages* e *backward linkages* na economia gaúcha. Um efeito importante da queda na produção de automóveis é a redução no consumo de energia elétrica, já que o segmento é intensivo nesse tipo de insumo. Um dado que pode ser tomado como referência é a informação do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) de que a carga de energia elétrica para a Região Sul teve uma variação negativa de 1,7% no mês de dezembro de 2008, em relação ao mês anterior. Em relação a dezembro de 2007, a variação foi nula. Segundo o ONS, o segmento de montadoras de veículos foi um dos que mais reduziu a demanda de energia elétrica junto às fornecedoras desse insumo, em função das turbulências no mercado financeiro internacional, via retração do mercado de crédito. No caso das montadoras, os efeitos da crise podem ser percebidos pelas paralisações na produção de automóveis e pela concessão de férias coletivas. Somando os dados de fornecimento de energia elétrica de duas das maiores empresas distribuidoras desse insumo no RS, a AES-SUL e a CEEE<sup>9</sup>, verifica-se que houve queda no fornecimento de energia elétrica para o segmento in-

<sup>8</sup> Os dados da PIM podem ser obtidos no site do IBGE em <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/>>. Acesso em: 18 fev. 2009.

<sup>9</sup> Foram utilizados dados da CEEE e da AEE-SUL apenas, ficando de fora os dados da RGE outra das três grandes distribuidoras de energia elétrica do RS, já que os dados de fornecimento de energia desta distribuidora só estão disponíveis até o mês de setembro de 2008. CEEE e AES-SUL têm participação relativa de cerca de 70% na distribuição de energia elétrica no total das três grandes distribuidoras deste insumo no RS.

ustrial do RS de -6,0% no mês de dezembro de 2008 sobre o mês anterior e de -1,5% sobre o mês de dezembro de 2007. O Gráfico 2 indica a evolução do fornecimento conjunto de energia elétrica da AES-SUL e da CEEE, nos anos de 2007 e 2008, com as respectivas linhas de tendência de média móvel para os anos considerados. Em relação a 2008, pode-se observar que, a partir do mês de setembro, começou a se verificar uma tendência de queda em relação ao consumo de energia elétrica industrial no RS.

Por outro lado, um dado interessante é a taxa de variação de 10,7% na produção de máquinas e equipamentos do RS, no mês de novembro de 2008 relativamente ao mesmo mês de 2007, o que indica que, apesar dos efeitos da crise externa, até aquele período não se podia detectar que tivesse ocorrido qualquer reversão nos investimentos em capital fixo no RS. A taxa de variação acumulada até novembro de 2008, para o segmento de máquinas e equipamentos, foi de 25,6%, tendo como base idêntico período do ano anterior.

No que se refere às exportações gaúchas, houve uma variação nominal positiva de 25,5% no valor total de produtos exportados (R\$ 17,24 bilhões), em relação ao valor exportado em 2007 (R\$ 13,74 bilhões) no acumulado até novembro, conforme a Tabela 9. Em termos absolutos a variação foi de US\$ 3,51 bilhões. O valor total exportado representa 9,37%<sup>10</sup> dos cerca de US\$ 184,13 bilhões exportados pelo Brasil no mesmo período. O índice de volume, no acumulado até novembro de 2008, registrou queda de 6,5% relativamente ao mesmo período de 2007. Em contrapartida, o índice de preços registrou uma variação de 34,3%. Ao se analisar o movimento em direção dos dois índices, isto é, a variação positiva no índice de preços e, por outro lado, a variação negativa do índice de volume, e atrelando essa análise ao aumento no índice de valor das exportações gaúchas em 2008, isso implica que essas, apesar da redução no volume físico exportado, foram beneficiadas por uma conjunção favorável de aumento de preços no mercado externo. Isso, pelo menos, foi o que ocorreu até que o aprofundamento da crise financeira mundial se fizesse sentir na demanda externa pelas exportações gaúchas. Como exemplo, segundo dados da FEE, o índice de volume das exportações do RS e o índice de valor em novembro de 2008 apresentaram variação de -15,0% e -3,7%, respectivamente, em relação ao mesmo mês do ano passado. Em compensação, o índice de preços teve uma variação positiva de 13,4% nos preços em dólares. Com esses re-

sultados, o RS permanece no quarto lugar do *ranking* das unidades federativas, em termos de participação relativa no total exportado pelo País, ficando atrás, apenas, dos Estados de São Paulo (28,8%), Minas Gerais (12,5%) e Rio de Janeiro (9,4%).

Para efeito de comparação, deve ser mencionado que, no setor exportador, em 2008, o desempenho do Brasil foi praticamente idêntico ao do RS no que se refere ao índice de valor, com variação de 25,8% (25,5% no caso do RS), e melhor em termos de índice de volume, este com queda de apenas 0,9% (-6,5% no índice do RS). No entanto, no índice de preços de exportação da economia brasileira, houve uma variação de 26,9%, inferior, portanto, à variação de idêntico índice para o setor exportador gaúcho (34,3%), o que indica que, em média, os produtos exportados pelo RS se valorizaram mais do que a média dos produtos exportados pelo Brasil<sup>11</sup>.

Com uma participação relativa de 11,7% no total exportador, o que correspondeu em termos absolutos a US\$ 2,01 bilhões, a agropecuária gaúcha contribuiu com US\$ 306 milhões, aproximadamente, para o aumento do valor total exportado pelo RS. Esse valor corresponde, em termos relativos, a uma variação de 17,9% em relação ao mesmo período de 2007, resultado da variação de -20,9% no índice de volume e de 49% no índice de preços. Já a indústria de transformação, com participação relativa de 86,9%, contribuiu com US\$ 3,13 bilhões para o aumento das exportações gaúchas, o que significa uma variação de 26,5% em termos relativos. No índice de volume de exportações industriais, houve queda de 4,3%. No índice de preços, a variação foi de 32,2%. Esses resultados, tanto para a agropecuária como para a indústria, podem ser observados na Tabela 10.

Na exportação de produtos agropecuários a soja continua de longe o item mais importante, com uma participação relativa de 79,78% e um valor total de US\$ 1,61 bilhão, conforme a Tabela 11. A soja, apesar de sofrer uma redução no volume físico exportado de 34,5%, teve uma valorização de 58,8% em termos de preços, o que permitiu ao produto ter um pequeno acréscimo de 3,9% em termos de índice de valor. Também deve ser mencionado o desempenho do trigo, o qual, com uma participação relativa de 10,0% na pauta de exportações da agropecuária, contribuiu com US\$ 195,83 milhões para o aumento do valor dos produtos gaúchos exportados, o

<sup>10</sup> No período jan.-nov./2007 o valor foi praticamente idêntico: 9,38%.

<sup>11</sup> Esses dados podem ser obtidos diretamente no site da FEE em <<http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/estatisticas/>>. Acesso em: 17 fev. 2009.

que representou uma expressiva variação de 2.772,3% no índice de valor, decorrente de um aumento notável de 2.620,0% em termos de volume físico exportado e de um aumento de 5,6% no índice de preços.

A indústria de transformação, de acordo com a Tabela 12, continua tendo como principal item de exportação os produtos alimentícios e bebidas, com participação relativa de 28,51%. A contribuição desse item para o aumento do valor total exportado foi de US\$ 1.435,2 bi-

lhões em termos absolutos, o que implicou uma variação de 50,5%, decorrente da variação 6,5% no índice de volume e de 41,4% no índice de preços. Outro destaque é o item máquinas e equipamentos, com uma contribuição de US\$ 317,9 milhões para o aumento do valor total das exportações do RS. Isso representa um aumento de 26,7% no índice de valor, decorrente de aumento de 14,7% no índice de volume e de 10,4% no índice de preços.

Tabela 1

Produto Interno Bruto, total e *per capita*, e suas taxas de crescimento no Rio Grande do Sul e no Brasil — 2002-08

ANOS	RIO GRANDE DO SUL (1)				BRASIL			
	PIB		Taxas de Crescimento (%)		PIB		Taxas de Crescimento (%)	
	Total (R\$ milhões)	<i>Per capita</i> (R\$)	Total	<i>Per capita</i>	Total (R\$ milhões)	<i>Per capita</i> (R\$)	Total	<i>Per capita</i>
2002	105 487	10 057	1,1	-0,1	1 477 822	8 378	2,7	1,2
2003	124 551	11 742	1,6	0,5	1 699 948	9 498	1,1	-0,3
2004	137 831	12 850	3,3	2,2	1 941 498	10 692	5,7	4,2
2005	144 218	13 298	-2,8	-3,9	2 147 239	11 658	3,2	1,7
2006	156 883	14 310	4,7	3,6	2 369 797	12 688	4,0	2,5
2007	177 040	15 978	7,0	5,9	2 597 611	13 720	5,7	4,2
2008	193 485	17 281	3,8	2,7	-	-	(2)4,7	(3)3,3

FONTE: FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Centro de informações estatísticas. Núcleo de Contabilidade Social. IBGE. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de Contas Nacionais. BOLETIM DECONJUNTURA. Brasília: IPEA, dez. 2008.

(1) Estimativas preliminares para 2007 e 2008. (2) Média das projeções do IPEA (4,2% e 5,2%). (3) Estimativa da FEE a partir das projeções do IPEA.

Tabela 2

Taxas de crescimento do VAB, por setores de atividade, e do PIB do Rio Grande do Sul — 2007-08

DISCRIMINAÇÃO	2007	2008
<b>Agropecuária</b> .....	18,2	-8,4
<b>Indústria</b> .....	7,2	6,7
Indústria de transformação .....	7,9	6,5
Produção e distribuição de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana .....	4,2	4,3
Construção civil .....	5,7	9,3
<b>Serviços</b> .....	5,3	4,6
Comércio .....	7,5	7,0
Transportes e armazenagem .....	5,2	5,1
Administração pública .....	1,9	2,6
Demais serviços .....	5,8	4,4
<b>VAB</b> .....	7,0	3,8
<b>PIB</b> .....	7,0	3,8

FONTE: FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Centro de Informações Estatísticas. Núcleo de Contabilidade Social.

NOTA: 1. Considera-se a taxa do PIB igual à do VAB.

2. Estimativas preliminares.

Tabela 3

Taxas de crescimento do VAB, por setores de atividade, e do PIB do Rio Grande do Sul e do Brasil — 2008

(%)

DISCRIMINAÇÃO	RIO GRANDE DO SUL	BRASIL	
		IPEA (1)	IBGE (2)
Agropecuária .....	-8,4	4,0	6,7
Indústria .....	6,7	4,9	6,5
Serviços .....	4,6	4,4	5,5
<b>PIB</b> .....	<b>3,8</b>	<b>4,7</b>	<b>6,4</b>

FONTES: FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Centro de Informações Estatísticas. Núcleo de Contabilidade Social.

IBGE. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de Contas Nacionais.

BOLETIM DE CONJUNTURA. Brasília: IPEA, dez. 2008.

NOTA: Estimativas preliminares.

(1) Média das projeções do IPEA (4,2% e 5,2%). (2) Taxa acumulada até o terceiro trimestre.

Tabela 4

Participação do PIB do Rio Grande do Sul no do Brasil — 2002-07

ANOS	PARTICIPAÇÃO %
2002	7,14
2003	7,33
2004	7,10
2005	6,72
2006	6,62
2007 (1)	6,82

FONTES: FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Centro de Informações Estatísticas. Núcleo de Contabilidade Social.

IBGE. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de Contas Nacionais.

(1) Estimativa preliminar.

Tabela 5

Taxas de crescimento do valor da produção da agropecuária, da lavoura e da produção animal no Rio Grande do Sul — 2007-08

(%)

ATIVIDADES	2007	2008
<b>Agropecuária</b> .....	<b>10,5</b>	<b>-4,4</b>
Lavoura .....	15,0	-8,2
Produção animal .....	1,7	2,5

FONTES: FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Centro de Informações Estatísticas. Núcleo de Contabilidade Social.

NOTA: Estimativas preliminares.

Tabela 6

Produção e variação anual dos principais produtos da lavoura do Rio Grande do Sul — 2005-08

PRODUTOS	PRODUÇÃO (t)				VARIÇÃO %		
	2005	2006	2007	2008 (1)	2005-06	2006-07	2007-08
Arroz .....	6 103 289	6 784 236	6 340 136	7 371 467	11,2	- 6,5	16,3
Banana .....	108 187	118 174	110 155	118 714	9,2	-6,8	7,8
Batata-inglesa .....	284 137	335 212	386 211	385 443	18,0	15,2	-0,2
Cana-de-açúcar .....	908 930	1 166 717	1 426 978	1 394 973	28,4	22,3	-2,2
Cebola .....	136 211	146 329	161 530	145 127	7,4	10,4	-10,2
Feijão .....	75 004	120 159	142 086	102 376	60,2	18,2	-27,9
Fumo .....	430 347	472 726	474 668	445 568	9,8	0,4	-6,1
Laranja .....	311 745	339 765	347 140	344 462	9,0	2,2	-0,8
Maçã .....	299 972	328 091	469 389	514 537	9,4	43,1	9,6
Mandioca .....	1 129 500	1 297 191	1 371 895	1 338 232	14,8	5,8	-2,5
Milho .....	1 485 040	4 528 143	5 969 118	5 322 052	204,9	31,8	-10,8
Soja .....	2 444 540	7 559 291	9 929 005	7 773 324	209,2	31,3	-21,7
Trigo .....	1 389 731	823 062	1 723 007	2 029 221	-40,8	109,3	17,8
Uva .....	611 868	623 878	704 176	776 027	2,0	12,9	10,2

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE.

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 7

Área colhida e produtividade dos principais produtos da lavoura do Rio Grande do Sul — 2007-08

PRODUTOS	2007		2008 (1)		TAXA DE CRESCIMENTO (%)	
	Área Colhida (ha)	Produtividade (t/ha)	Área Colhida (ha)	Produtividade (t/ha)	Área Colhida	Produtividade
Arroz .....	941 058	6,74	1 071 237	6,88	13,8	2,1
Banana .....	11 545	9,54	12 089	9,82	4,7	2,9
Batata-inglesa .....	24 254	15,92	23 785	16,21	-1,9	1,8
Cana-de-açúcar .....	35 767	39,90	36 776	37,93	2,8	-4,9
Cebola .....	11 159	14,48	10 140	14,31	-9,1	-1,1
Feijão .....	117 058	1,21	97 636	1,05	-16,6	-13,6
Fumo .....	230 448	2,06	215 683	2,07	-6,4	0,3
Laranja .....	27 023	12,85	26 363	13,07	-2,4	1,7
Maçã .....	16 365	28,68	16 206	31,75	-1,0	10,7
Mandioca .....	88 702	15,47	85 018	15,74	-4,2	1,8
Milho .....	1 363 323	4,38	1 378 770	3,86	1,1	-11,8
Soja .....	3 890 183	2,55	3 833 000	2,03	-1,5	-20,5
Trigo .....	848 404	2,03	980 300	2,07	15,5	1,9
Uva .....	45 336	15,53	47 177	16,45	4,1	5,9

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE.

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 8

Taxas de crescimento da produção da indústria de transformação,  
por atividades, do Rio Grande do Sul — 2006-08

ATIVIDADES	(%)		
	2006	2007 (1)	2008 (1)
Alimentos .....	4,7	4,5	8,5
Bebidas .....	7,3	5,4	-8,8
Borracha e plástico .....	6,1	5,0	4,2
Calçados e artigos de couro .....	-8,8	-7,2	-7,6
Celulose, papel e produtos de papel .....	4,1	-0,3	4,9
Edição, impressão e reprodução de gravações .....	-1,6	1,8	-1,7
Fumo .....	-7,3	-6,2	-9,6
Máquinas e equipamentos .....	-16,3	31,7	23,9
Metalurgia básica .....	-0,4	6,2	9,3
Mobiliário .....	5,0	-4,6	7,6
Produtos químicos .....	0,8	0,6	-1,6
Produtos de metal — exclusive máquinas e equipamentos .....	-10,7	1,2	6,1
Refino de petróleo e álcool .....	-2,8	30,1	-5,9
Veículos automotores .....	7,1	26,8	20,9

FONTE: FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Centro de Informações Estatísticas. Núcleo de Contabilidade Social.  
(1) Estimativas preliminares.



Tabela 9

Exportações do Brasil e das unidades da Federação — jan./nov. 2007-08

Nº DE ORDEM	BRASIL E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	JAN-NOV/07		JAN-NOV/08		VARIACÃO (US\$ 1 000)	VARIACÃO %		
		Valor (US\$ 1 000)	Participação %	Valor (US\$ 1 000)	Participação %		Valor	Volume	Preço
	Brasil .....	146 418 269	100,00	184 125 045	100,00	37 706 775	25,8	-0,9	26,9
1	São Paulo .....	47 242 004	32,27	53 045 183	28,81	5 803 179	12,3	-2,6	15,3
2	Minas Gerais .....	16 832 744	11,50	23 004 960	12,49	6 172 216	36,7	4,0	31,4
3	Rio de Janeiro .....	12 586 702	8,60	17 389 379	9,44	4 802 676	38,2	-6,3	47,5
4	Rio Grande do Sul .....	13 740 449	9,38	17 247 497	9,37	3 507 048	25,5	-6,5	34,3
5	Paraná .....	11 381 162	7,77	14 267 975	7,75	2 886 813	25,4	-2,1	28,1
6	Pará .....	7 154 364	4,89	9 884 344	5,37	2 729 979	38,2	9,2	26,5
7	Espírito Santo .....	6 245 793	4,27	9 517 821	5,17	3 272 028	52,4	7,1	42,3
8	Bahia .....	6 791 144	4,64	8 224 895	4,47	1 433 751	21,1	-4,6	27,0
9	Santa Catarina .....	6 738 280	4,60	7 691 975	4,18	953 695	14,2	-5,4	20,6
10	Mato Grosso .....	4 741 292	3,24	7 309 814	3,97	2 568 522	54,2	5,0	46,9
11	Goiás .....	2 910 758	1,99	3 855 161	2,09	944 403	32,4	-5,8	40,6
12	Maranhão .....	2 030 488	1,39	2 622 756	1,42	592 269	29,2	-6,3	37,8
13	Mato Grosso do Sul ....	1 232 918	0,84	2 007 188	1,09	774 270	62,8	7,0	52,2
14	Amazonas .....	1 007 687	0,69	1 184 688	0,64	177 001	17,6	13,6	3,5
15	Ceará .....	1 047 453	0,72	1 169 948	0,64	122 496	11,7	-7,5	20,7
16	Pernambuco .....	808 354	0,55	863 818	0,47	55 464	6,9	-2,1	9,2
17	Alagoas .....	613 192	0,42	769 850	0,42	156 658	25,5	30,0	-3,5
18	Rondônia .....	422 536	0,29	555 103	0,30	132 567	31,4	-4,3	37,3
19	Rio Grande do Norte ...	344 313	0,24	310 181	0,17	-34 132	-9,9	-22,0	15,5
20	Tocantins .....	150 165	0,10	284 094	0,15	133 930	89,2	14,1	65,8
21	Paraíba .....	212 740	0,15	206 971	0,11	-5 769	-2,7	-11,1	9,5
22	Amapá .....	112 505	0,08	172 782	0,09	60 277	53,6	6,1	44,8
23	Distrito Federal .....	73 876	0,05	149 069	0,08	75 193	101,8	39,1	45,0
24	Piauí .....	51 229	0,03	109 036	0,06	57 807	112,8	49,0	42,9
25	Sergipe .....	133 499	0,09	107 667	0,06	-25 832	-19,3	-23,3	5,2
26	Acre .....	17 478	0,01	20 599	0,01	3 121	17,9	2,4	15,1
27	Roraima .....	12 418	0,01	13 857	0,01	1 439	11,6	-23,6	46,1
	Outros (1) .....	1 782 726	1,22	2 138 434	1,16	355 708	...	...	...

FONTE DOS DADOS BRUTOS: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Secretaria do Comércio Exterior.

(1) Referem-se a mercadorias não declaradas, mercadorias nacionalizadas e mercadorias reexportadas.

Tabela 10

Exportações, segundo os setores de atividade, do Rio Grande do Sul — jan.-nov. 2007-08

SETORES	JAN-NOV/07		JAN-NOV/08		VARIACÃO (US\$ 1 000)	VARIACÃO %		
	Valor (US\$ 1 000)	Participação %	Valor (US\$ 1 000)	Participação %		Valor	Volume	Preço
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal .....	1 711 156	12,45	2 017 670	11,70	306 514	17,9	-20,9	49,0
Indústrias de transformação .....	11 861 442	86,32	15 000 274	86,97	3 138 831	26,5	-4,3	32,2
Outros .....	167 851	1,22	229 553	1,33	61 702	36,8	...	...
<b>TOTAL</b> .....	13 740 449	100,00	17 247 497	100,00	3 507 048	25,5	-6,5	34,3

FONTE DOS DADOS BRUTOS: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Secretaria do Comércio Exterior.

Tabela 11

Principais produtos exportados da agropecuária do Rio Grande do Sul — jan.-nov. 2007-08

PRODUTOS	JAN-NOV/07		JAN-NOV/08		VARIACÃO (US\$ 1 000)	VARIACÃO %		
	Valor (US\$ 1 000)	Participação %	Valor (US\$ 1 000)	Participação %		Valor	Volume	Preço
Outros grãos de soja, mesmo triturados .....	1 548 631	90,50	1 609 751	79,78	61 121	3,9	-34,5	58,8
Trigo (exceto trigo duro ou para semeadura) e trigo com centeio ....	7 064	0,41	202 893	10,06	195 830	2 772,3	2 620,0	5,6
Maçãs frescas .....	29 521	1,73	43 155	2,14	13 634	46,2	15,0	27,1
Milho em grão, exceto para semeadura .....	69 432	4,06	78 903	3,91	9 471	13,6	-12,5	29,9
<b>Subtotal</b> .....	<b>1 654 648</b>	<b>96,70</b>	<b>1 934 702</b>	<b>95,89</b>	<b>280 054</b>	<b>16,9</b>	<b>...</b>	<b>...</b>
Demais .....	56 508	3,30	82 968	4,11	26 460	46,8	...	...
<b>TOTAL</b> .....	<b>1 711 156</b>	<b>100,00</b>	<b>2 017 670</b>	<b>100,00</b>	<b>306 514</b>	<b>17,9</b>	<b>-20,9</b>	<b>49,0</b>

FONTE DOS DADOS BRUTOS: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Secretaria do Comércio Exterior.

Tabela 12

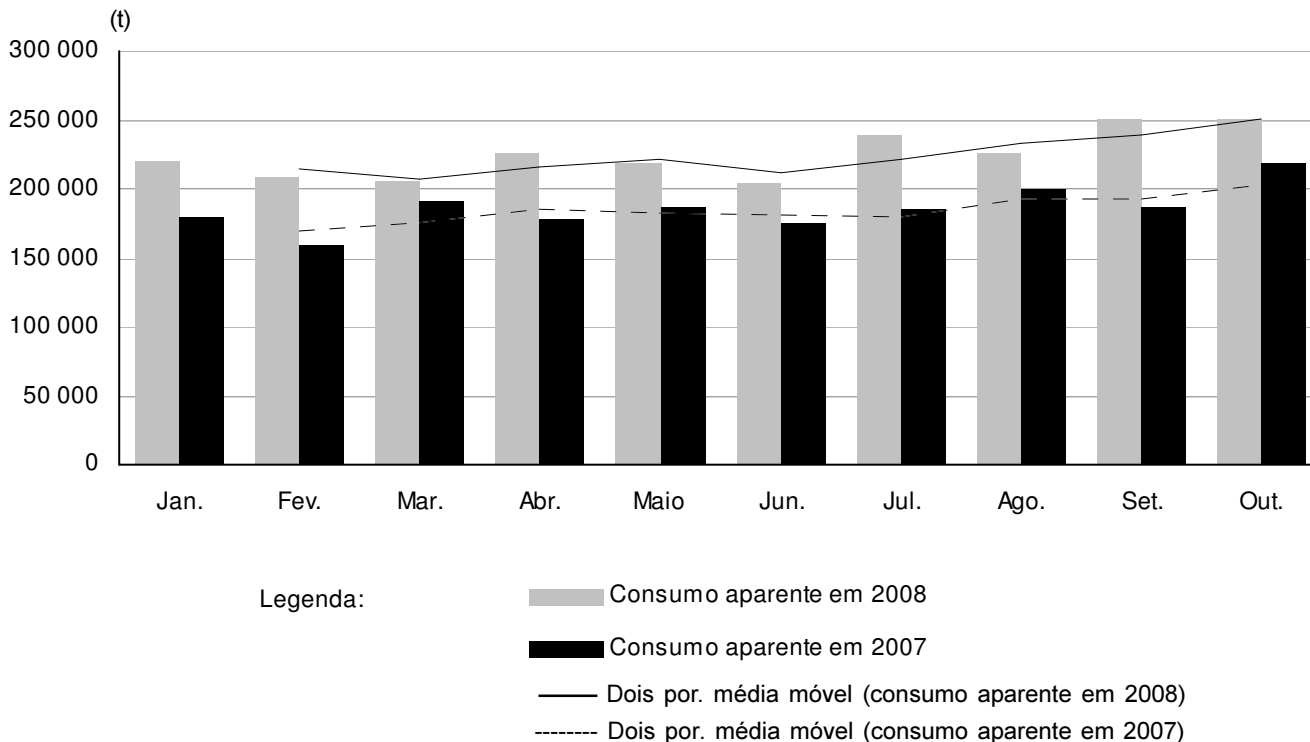
Exportações, segundo os setores da indústria de transformação, do Rio Grande do Sul — jan.-nov. 2007-08

SETORES	JAN-NOV/07		JAN-NOV/08		VARIACÃO (US\$ 1 000)	VARIACÃO %		
	Valor (US\$ 1 000)	Participação %	Valor (US\$ 1 000)	Participação %		Valor	Volume	Preço
Produtos alimentícios e bebidas .....	2 841 766	23,96	4 277 033	28,51	1 435 266	50,5	6,5	41,4
Fumo .....	1 548 942	13,06	1 890 583	12,60	341 641	22,1	-5,0	28,5
Químicos .....	1 545 645	13,03	1 718 965	11,46	173 320	11,2	-11,8	26,1
Couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados ...	1 680 926	14,17	1 612 300	10,75	-68 627	-4,1	-18,1	17,1
Máquinas e equipamentos .....	1 192 679	10,06	1 510 588	10,07	317 909	26,7	14,7	10,4
Veículos automotores, reboques e carrocerias .....	791 167	6,67	883 045	5,89	91 878	11,6	5,8	5,5
Outros equipamentos de transporte ....	4 448	0,04	866 239	5,77	861 791	19 376,5	-45,6	35 712,8
Coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool .....	555 972	4,69	426 306	2,84	-129 666	-23,3	-49,2	51,0
Móveis e indústrias diversas .....	346 325	2,92	346 979	2,31	654	0,2	-12,2	14,1
Metal — exceto máquinas e equipamentos .....	219 516	1,85	281 167	1,87	61 651	28,1	11,0	15,4
Borracha e plástico .....	204 849	1,73	251 267	1,68	46 418	22,7	8,3	13,2
Celulose, papel e produtos de papel ....	148 044	1,25	162 778	1,09	14 733	10,0	-8,9	20,7
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos .....	128 441	1,08	148 146	0,99	19 705	15,3	5,4	9,4
Madeira .....	165 365	1,39	142 651	0,95	-22 714	-13,7	-8,4	-5,8
Têxteis .....	105 494	0,89	121 335	0,81	15 841	15,0	5,1	9,4
Metalurgia básica .....	87 231	0,74	82 926	0,55	-4 305	-4,9	-27,2	30,7
Minerais não-metálicos .....	73 984	0,62	82 030	0,55	8 046	10,9	-2,1	13,3
Material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações .....	84 266	0,71	81 865	0,55	-2 401	-2,8	-7,4	4,9
Equipamentos de instrumentação médico-hospitalares, instrumentos de precisão e ópticos, equipamentos para automação industrial, cronômetros e relógios .....	53 422	0,45	57 694	0,38	4 273	8,0	-3,8	12,3
Vestuário e acessórios .....	42 442	0,36	37 100	0,25	-5 342	-12,6	-18,0	6,6
Edição, impressão e reprodução de gravações .....	10 598	0,09	9 682	0,06	-916	-8,6	-21,9	17,0
Máquinas para escritório e equipamentos de informática .....	29 921	0,25	9 597	0,06	-20 324	-67,9	-71,6	12,9
<b>TOTAL</b> .....	<b>11 861 442</b>	<b>100,00</b>	<b>15 000 274</b>	<b>100,00</b>	<b>3 138 831</b>	<b>26,5</b>	<b>-4,3</b>	<b>32,2</b>

FONTE DOS DADOS BRUTOS: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Secretaria do Comércio Exterior.

Gráfico 1

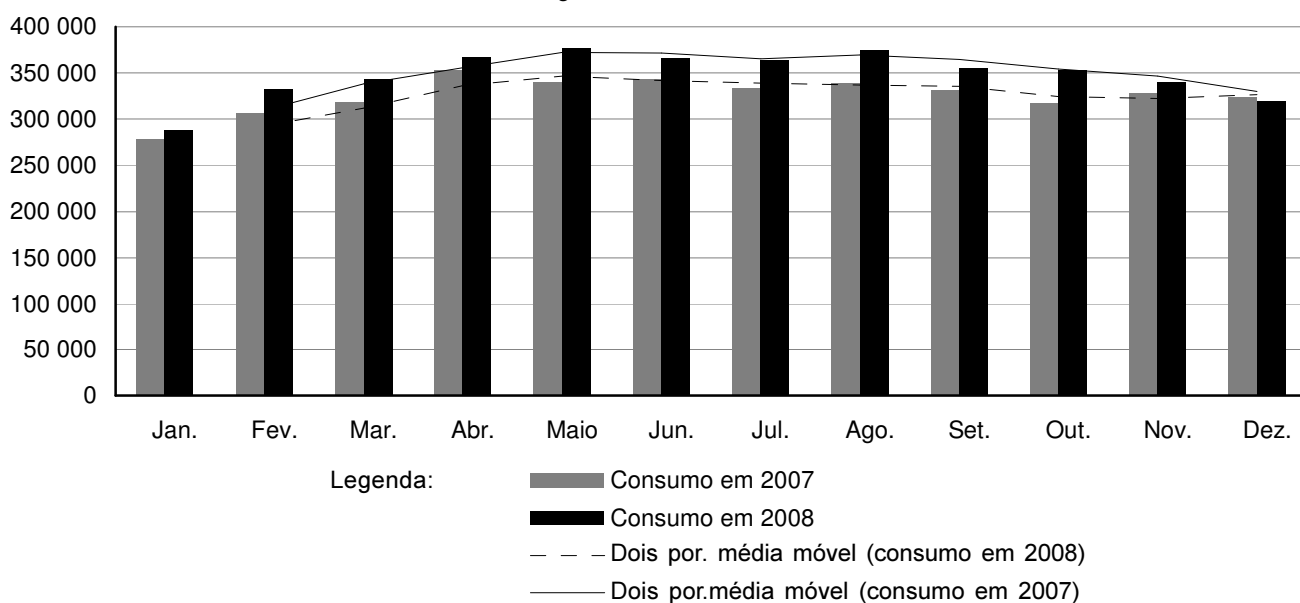
Consumo aparente de cimento no RS — jan.-out. 2007-08



FONTE: Sindicato Nacional da Indústria do Cimento.

Gráfico 2

Consumo de energia elétrica na indústria do RS — 2007 e 2008



FONTE: AES-SUL.  
CEEE.

## Considerações finais

O ano de 2008 deu seqüência a um período de crescimento econômico iniciado em 2006. A taxa de expansão do PIB gaúcho em 2008, de 3,8%, não foi tão robusta quanto a do ano anterior (7,0%). Mas é preciso interpretar-se esse número dentro do seu devido contexto: além de ser calculado relativamente a um ano de forte expansão na economia gaúcha, houve, novamente, a forte interferência de um fator exógeno recorrente no RS: a adversidade climática, que produziu perdas significativas em importantes lavouras no Estado. Tendo uma área irrigada ainda incipiente para o seu potencial irrigável, a agricultura do RS é muito dependente da regularidade e da estabilidade do clima. Isso, de modo óbvio, é o que efetivamente não tem acontecido, haja vista as alterações climáticas produzidas por fenômenos atribuídos ao aquecimento global. Quando fenômenos como esses atuam, os prejuízos na lavoura manifestam-se, devido ora ao excesso, ora à escassez ou à irregularidade das chuvas em relação ao padrão histórico de precipitação pluviométrica que, em muitos casos, ocorre de modo defasado relativamente à época esperada pelos agricultores. A pecuária, por exemplo, não padece, na mesma intensidade, dos problemas decorrentes das estiagens que afetam a lavoura, já que, no caso desse segmento o potencial de controle do processo produtivo é bem maior do que no caso da agricultura. Uma significativa expansão na área irrigada estadual certamente tornaria a lavoura gaúcha menos vulnerável ao clima.

Além do fator climático, por volta do mês de setembro os efeitos da crise financeira internacional começaram a ser sentidos com mais intensidade na economia nacional e, evidentemente, na economia do RS. De acordo com os dados mais recentes da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE, o volume de produção física da indústria do RS, em novembro, sem ajuste sazonal, tinha recuado -10,1% sobre o mês anterior, enquanto para o Brasil a taxa de variação foi de -6,2%. O dinamismo que tinha marcado as atividades econômicas no Estado sofreu um impacto negativo, principalmente em segmentos industriais ligados ao consumo de bens duráveis, como automóveis. A variação no índice de volume de vendas do segmento de veículos, motos, partes e peças, no RS, para o mês de novembro de 2008, foi de -15,6%, relativamente ao mesmo mês do ano anterior<sup>12</sup>.

Em um segmento tão dependente da concessão de crédito, como é o caso de veículos automotores, o efeito combinado de diminuição de prazos e aumento de taxas de juros embutidos em planos de financiamento refreou as vendas, que se mantinham em ascensão até antes da manifestação da crise, das concessionárias de automóveis. A queda nas vendas teve impactos imediatos no volume de produção de veículos, o qual apresentou uma taxa de variação, em termos de produção física, de -21,8% no mês de novembro<sup>13</sup> de 2008 relativamente ao mesmo mês de 2007, sem dúvida uma queda bastante expressiva para um segmento da atividade industrial que vinha acumulando recordes sucessivos de produção e de vendas. Exemplo notório é o caso da planta da General Motors em Gravataí, em cujos pátios os automóveis passaram a ficar encalhados, por diminuição das vendas, tendo como conseqüência a redução no ritmo de produção, em um primeiro momento. Dada a persistência da crise, houve necessidade de se concederem férias coletivas aos trabalhadores da montadora. Esse é apenas um caso dentre tantos que poderiam ser citados, mas é ilustrativo porque representa um segmento cujos bens são extremamente sensíveis à oferta de crédito e apresentam uma maior elasticidade-renda da demanda, sendo considerados, em linguagem microeconômica, bens supérfluos ou de luxo (De Negri, 1998<sup>14</sup>).

Segmentos que apresentam menor elasticidade-renda, como é o caso de bens não duráveis, especialmente alimentos, puderam manter seu nível de produção, a despeito da crise. Isso pode ser avaliado pela taxa de variação de -0,06% da produção física gaúcha de alimentos no mês de novembro, tomando como base o mesmo mês de 2007, o que indica uma estabilidade do consumo. A demanda desses produtos é menos sensível às oscilações de renda, sendo, assim, denominados bens necessários ou bens inelásticos à renda<sup>15</sup>. Em épocas de crise, o consumo de gêneros de primeira necessidade é o último a sofrer cortes nos gastos das famílias. No entanto, nesse caso, o controle das expectativas in-

<sup>12</sup> Esta informação é do banco de dados SIDRA do IBGE.

<sup>13</sup> A elasticidade-renda da demanda de automóveis no Brasil foi estimada, neste estudo, entre 1,1 e 1,5, o que indica a sua classificação como bens supérfluos ou de luxo.

<sup>14</sup> No estudo de Carvalho e Bachi (2007) são apontadas estimativas da elasticidade-renda da demanda de carne bovina, suína e de aves para as Regiões brasileiras e diferentes estratos de renda, encontrou os seguintes resultados para a Região Sul: 0,745 carne de primeira, 0,184 carne bovina de segunda, 0,302 para a carne suína e 0,076 para a carne de frango, o que indica a relativa inelasticidade-renda da demanda destes produtos alimentares, sendo classificados de bens normais necessários.

<sup>12</sup> Os dados podem ser obtidos no Banco de Dados SIDRA do IBGE em <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>.

flacionárias também teve um efeito positivo sobre a manutenção do nível de demanda por bens não duráveis. Segundo dados<sup>16</sup> do IBGE, a taxa de inflação acumulada em 2008 no País, medida pelo IPCA, foi de 5,9%. No caso de alimentos, cujo peso na cesta de consumo considerada é o maior, com participação de 22,76%, a inflação acumulada foi a maior para as categorias de consumo consideradas na pesquisa: 11,11%.

Esse aumento no nível de preços dos alimentos reflete não somente problemas localizados de perda de safras, mas também de valorização de *commodities* agrícolas no mercado internacional, pelo menos até antes da crise. Aliás, é importante destacar que, apesar da queda de 8,4% no índice de volume da agropecuária gaúcha, houve uma variação de 12,1% no deflator implícito do VAB deste setor no RS ao longo de 2008, contra variações de 4,4% e 4,8% nos deflatores implícitos da indústria e dos serviços, respectivamente, no mesmo período. Essa valorização das *commodities* agropecuárias evitou queda ainda maior no VAB do setor, o que também contribuiu para não afetar de modo mais intenso a indústria e os serviços, setores que têm fortes vínculos com o setor agropecuário e que com este formam o chamado complexo do agronegócio, os quais, dessa forma, puderam apresentar taxas de crescimento significativas, apesar da retração no setor primário.

Pelo lado da demanda externa, o comportamento da balança comercial do RS, antes que os efeitos da crise internacional se fizessem sentir mais intensamente, estava em consonância com o dinamismo da balança comercial brasileira. O efeito dinamizador, sobre as vendas externas, que poderia resultar da desvalorização do real em relação ao dólar, além da defasagem de tempo necessária para se fazer sentir, dessa vez ocorre num cenário de demanda externa enfraquecida. O fato de a pauta de exportações do RS estar concentrada no setor industrial tem contra si, pelo menos no que se refere aos produtos mais intensivos em capital, como máquinas e equipamentos, o aspecto de que esses produtos são mais elásticos à variação de renda, relativamente a produtos primários. E o cenário da atual crise tem como um de seus aspectos a diminuição da renda disponível para consumo, principalmente nos países desenvolvidos como os EUA, destino de parte significativa das exportações brasileiras.

As perspectivas projetadas para o comportamento da balança de comércio brasileira, em 2009, são de dificuldades para a manutenção das vendas externas, onde

se recomenda aos exportadores a criação de estratégias que lhes permitam, se não ampliar, pelo menos manter os mercados conquistados, principalmente por meio da agregação de valor e/ou da diferenciação de produtos. Segundo autoridades ligadas ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), as maiores dificuldades serão encontradas por produtos exportados para os países desenvolvidos, principalmente EUA, Europa e Japão, os mais afetados pela crise financeira. Mas projeções são apenas construções de cenários possíveis ou não de se concretizarem. Tanto no caso do País como no do RS, o comportamento da demanda externa vai depender da evolução da crise financeira internacional, já que esta tem a capacidade de afetar diretamente variáveis tão sensíveis nesse setor, como o câmbio. Dadas a instabilidade e a volatilidade acentuadas que têm sido características dessa variável<sup>17</sup>, é muito difícil fazer qualquer tipo de projeção nessa área, costumeiramente já tão sujeita a periódicos choques externos, principalmente num cenário de turbulência tão exarcebada como o atual.

O fato é que a sincronização de dois tipos de fenômenos, quais sejam: a crise internacional e a continuidade da escassez de chuvas na lavoura gaúcha, fez com que o ano de 2008 terminasse de modo não tão auspicioso quanto havia começado, pelo que podia ser percebido, já que iniciou sob os efeitos estimulantes de um elevado crescimento econômico verificado no ano anterior. Mas, apesar das adversidades enfrentadas pelo Estado, atualmente existem importantes sinais positivos no cenário econômico-financeiro gaúcho, estes vindos da área fiscal estadual. Segundo informações da Secretaria da Fazenda do RS (Sefaz-RS), o Estado deverá terminar o ano de 2008 com um superávit primário de R\$ 2 bilhões. Além disso, deve ser destacada a informação, dada pela Sefaz, de que haverá também superávit nominal orçamentário em 2008, o que é um fato atípico em termos de resultados da política fiscal observados em anos anteriores.

O anúncio do chamado déficit zero, em 2008, representa uma conquista para o Estado e para a sociedade do Rio Grande do Sul. Isto porque, *vis-à-vis* às décadas de desequilíbrio fiscal enfrentado pelo RS e seus conseqüentes desdobramentos negativos, principalmente a escassez de credibilidade e a dificuldade de acesso ao crédito internacional, implicando redução drástica de

<sup>16</sup> Dados do Sidra do IBGE em <www.ibge.gov.br>.

<sup>17</sup> Segundo estudo da consultoria Economática, divulgado no site do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, com sete moedas, incluindo o dólar, a taxa de câmbio da moeda brasileira tem se mostrado a mais volátil em relação às demais analisadas no estudo.

graus de liberdade na gestão governamental em um cenário de escassos investimentos, já se plasma, no cenário atual, um processo de melhoria das expectativas dos agentes econômicos internos e externos. Essa mudança — para melhor — no trato fiscal das contas públicas estaduais, primando pela eficiência e pela transparência do gasto público, traduzida principalmente em superávits orçamentários, tem o efeito de sinalizar, dentre outros fatores, a retomada dos investimentos, por parte do Governo do Estado, em setores-chave para o crescimento econômico de longo prazo, como é o caso da educação, e também o caso da infra-estrutura, com o seu grande potencial multiplicador, por meio de efeitos *spillovers*. O aumento das inversões em estradas, portos, energia e saneamento é vital para a viabilização de taxas de crescimento econômico robustas. Sem a elevação consistente do estoque de capital físico infra-estrutural torna-se inexequível essa possibilidade. Por sua vez, esse tipo de investimento tem o condão de atrair outras inversões da iniciativa privada, pelo estímulo que acarreta. Assim, a despeito dos principais condicionantes negativos atuando na economia do RS neste momento, isto é, a crise externa e as perdas verificadas na lavoura gaúcha em 2008, o equilíbrio fiscal recém-conquistado pelo RS é um fator que pode moldar, de modo positivo e decisivo, as expectativas dos agentes econômicos no sentido de que a economia estadual possa manter-se, nos próximos anos, numa trajetória de crescimento econômico sustentável, estimulando, assim, os investimentos — estatais e privados — e produzindo um ciclo virtuoso, condição necessária para a obtenção de patamares mais elevados de desenvolvimento econômico e humano, tão almejados pelo RS.

## Referências

BOLETIM DE CARGA MENSAL. Brasília, Operador Nacional do Sistema Elétrico Nacional, dez 2008. Documento disponível em:

<[http://www.ons.org.br/download/sala\\_imprensa/](http://www.ons.org.br/download/sala_imprensa/)>.

Acesso em: 19/01/2008.

BOLETIM DE EXECUÇÃO ORÇAMENTÁRIA. Secretaria da Fazenda do Estado do Rio Grande do Sul, Tesouro do Estado, Divisão de Programação Orçamentária. Porto Alegre, n. 7, novembro de 2008. Pode ser obtido *on-line* em <<http://www.sefaz.rs.gov.br/Site/>>. Acesso em: 19 jan. 2009.

CARTA DE CONJUNTURA. Brasília, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada — IPEA, dez. 2008. O documento pode ser obtido diretamente no seguinte endereço. <<http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/>>. Acesso em 9 jan. 2009.

CARVALHO, Thiago Bernardino de; BACHI, Miriam Rumenos Piedade. **Estudo da Elasticidade-Renda da Demanda de Carne Bovina, Suína e de Frango no Brasil**. Artigo publicado nos Anais da XXXV Encontro de Economia da ANPEC — Associação Nacional dos Centros de Pós-graduação em Economia, realizado entre 4-7 de dezembro de 2007, em Recife, Pernambuco. Documento pode ser obtido em <<http://ideas.repec.org/p/anp/en2007/160.html>>. Acesso em: 19 jan. 2009.

ESTADO DE SÃO PAULO (Edição *on-line*). **Financiamento habitacional é recorde até novembro**. Documento obtido em <<http://www.estadao.com.br/economia>>. Acesso em: 16 jan. 2009.

ESTADO DE SÃO PAULO (Edição *on-line*) **MDIC: ano será difícil para o comércio exterior**. Documento obtido em <<http://www.estadao.com.br/noticias/>>. Acesso em: 19 jan. 2009.

ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLO — DEZ 2008. Sistema IBGE de Recuperação Automática-SIDRA. Brasília, IBGE. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/snipc/>>. Acesso em: 19 jan. 2009.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO. **Real é a moeda mais instável da América Latina, aponta estudo**. Informações em <<http://clippingmp.planejamento.gov.br/cadastros/>>. Acesso em: 20 jan. 2009.

PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: Produção Física Industrial- Número índice do Rio Grande do Sul (novembro de 2008). Sistema IBGE de Recuperação Automática-SIDRA. Rio de Janeiro, IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/>>. Acesso em: 19 jan. 2009.

PESQUISA MENSAL DO COMÉRCIO: Índice de Volume de Vendas do RS de novembro de 2008. Sistema IBGE de Recuperação Automática-SIDRA. Rio de Janeiro, IBGE. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/>>. Acesso em 19 jan. 2009.

SCHETTERT, Maria da Conceição. **O desempenho da economia gaúcha em 2006**. Revista Indicadores Econômicos, v. 34, n. 4, 2007. Pode ser obtido *on-line* em <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/>>.

SCHETTERT, Maria da Conceição. **O desempenho da economia gaúcha em 2007**. Revista Indicadores Econômicos, v. 35, n. 4, 2008. Pode ser obtido *on-line* em <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/>>.

SINDICATO NACIONAL DA INDÚSTRIA DO CIMENTO. **Consumo Aparente de Cimento por Regiões e por Estados**. Rio de Janeiro, RJ. Documento pode ser obtido em <<http://www.snic.org.br/>>. Acesso em: 19 jan. 2009.

